

PIB fraco terá impacto desprezível nas urnas, dizem economistas

A constatação de que a economia como um todo não vai tão bem quanto se esperava, como mostraram os números do PIB do segundo trimestre, deve ter impacto desprezível na disputa presidencial.

Economistas avaliam que a atual desaceleração econômica não vai ofuscar, pelo menos neste momento, os ganhos obtidos nos últimos anos pelas camadas da população de renda mais baixa, entre as quais o presidente Luiz Inácio Lula da Silva, líder das pesquisas, têm ampla vantagem sobre seus adversários.

"Se você analisar as intenções de voto do Lula, onde ele ocupa maior destaque é entre os pobres e entre os pobres brasileiros houve um ganho de renda bastante expressivo nos últimos anos, com redução de desigualdade", disse o economista Marcelo Néri, chefe do Centro de Políticas Sociais da Fundação Getúlio Vargas.

"Acho que ao contrário de outras eleições, que eu não via uma correlação muito clara, quem está percebendo um aumento de renda é mais pró-Lula", acrescentou.

Néri lembra que em 2004, especialmente, houve um aumento na renda dos mais pobres de 14%. "Uma taxa de crescimento chinês, mas só entre os mais pobres", argumentou, referindo-se às elevadas taxas de expansão econômica da China.

E apesar dos números fracos do Produto Interno Bruto de abril a junho, a massa salarial como um todo cresceu 6,8% em relação ao mesmo período de 2005. Já o consumo das famílias cresceu pelo décimo-primeiro trimestre consecutivo.

Enquanto isso, a economia em geral cresceu apenas 0,5% no trimestre em relação a janeiro-março deste ano e 1,2% sobre o mesmo período do ano passado, o que derrubará as projeções de expansão de 2006.

João Sicsú, professor-adjunto do Instituto de Economia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, mencionou outro dado importante: a criação de dois a três milhões de empregos formais durante o governo Lula, ainda que eles tenham remuneração baixa – menos de 3 salários mínimos (R\$ 1.050).

"A economia está crescendo em setores de mão-de-obra desqualificada ou de baixa qualificação", explicou Sicsú.

"Isso explica por que, apesar de a economia não ir tão bem como dizem – um crescimento medíocre, de fato – ela está atendendo as necessidades de um segmento social", acrescentou, onde está a base de apoio atual do presidente.

A mais recente sondagem do Datafolha mostra Lula com 50% das intenções de voto, contra 27% de Geraldo Alckmin (PSDB). Entre as famílias com renda de até 2 salários mínimos (R\$ 700), Lula tem 56% das preferências, enquanto o tucano, apenas 21%.

Independentemente da qualidade dos novos postos de trabalho, Néri lembra que, além do impacto real, o emprego com carteira assinada é uma "figura simbólica importante". "Uma carteira de trabalho é um símbolo de classe média no Brasil", explicou, acrescentando que "o próprio acesso ao crédito, que aumentou muito nos últimos anos, também é uma coisa simbólica da classe média".

E dentro da melhora da renda está o mais amplo programa social do governo, o Bolsa Família, que fornece recursos para 11,1 milhões de famílias. Como argumenta Sicsú, considerando que cada família pode ter, em média, três votos, só aí Lula teria o apoio de 33 milhões de eleitores. Somando ao das famílias de novos empregados, esse número superaria 40 milhões de votos.

Reuters
</td>